

Ensaio de Folclore médico analítico português

(BEIRA-BAIXA)

POR

LUIZ DE PINA

Professor aux. da Faculdade de Medicina do Porto

Começo por onde devo: justificar o título desta nota, a que não quis dar fôlego para grande crescimento. Afinal... cresceu demasiadamente. Como homem prevenido vale por dois, faço já esta declaração, para ficar mais à vontade.

Pôsto isto, tomemos a matéria.

Não encontrei, até hoje, vocábulo único que substitua aquêles que estão a ser adoptados pelos cultores dêste ramo das ciências sociais: *Etnografia*, *Folklore*, *Etnologia*, *Volkskunde*, *Demopsicologia*, etc.

Larga apreciação da terminologia estende em um dos seus recentes tratados o Prof. Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾, que reparte a *Etnografia* em três campos: território-povo, *folclore* e *ergografia*.

Consiglieri Pedroso, segundo informa êste ilustre mestre, procurou nacionalizar o vocábulo e vá de chamar *mitografia* ao *folclore* inglês, que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos grafou *folquelore*, com justa razão, do mesmo modo que escrevemos *futebol*, *Madride*, etc. ⁽²⁾.

Diz Leite de Vasconcelos: *A noção ligada à palavra Etnologia*

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistemotização*. t. 1933. Lisboa.

(2) J. Leite de Vasconcelos, *Id., id.* Pág. 19.

não apresenta nos autores menor incerteza que a que se liga a *Etnografia* (1).

Nessa incerteza cá também e por isso os memoro com esta palavra: de verdade, ao estudo *analítico* de tradições populares não podemos, com domínio, aplicar o termo *Etnografia*, nem *Etnologia*.

O primeiro significa simples arrolamento de factos, o segundo vai mais longe e confunde-se, muitas vezes, com a Antropologia. E embora o douto professor Leite de Vasconcelos entenda que *Etnografia* pode revestir o aspecto puramente descritivo ou comparativo-genético e faça da *Etnografia* um quinhão da *Etnologia*, o certo é que para um estudo do jaez daquêle que hoje tenho a honra de apresentar a esta Sociedade não acho a calhar nenhum dos vocábulos.

Por isso não o incluí no título desta nota. Pendo para o termo inglês *folclore*, dado que Knortz o considera parte da *Etnologia*. Esta, para Knortz, ocupa-se *do homem como criatura social, isto é, com suas leis, artes, concepções religiosas, línguas e memórias históricas* (2); o *folclore* seria o estudo *das canções, jogos, festas, contos, lendas, línguas e usos de um povo* (3).

Logo, a análise dos usos e costumes dum povo, considerado em geral ou em parte, cabendo dentro da designação *Etnografia*, não tem, contudo, designação especial, a não ser a de *Etnografia comparativo-genética*, proposta por Leite de Vasconcelos (4).

Escolhi *Folclore médico* pelas razões apresentadas e, mesmo assim, sem grande firmeza. Sendo *Folk*=povo, gente, e *lore*=ciência, conhecimento, saber, — acho que o casal *Folk-lore* não reproduz o que se deseja, quando êsse *Folclore* ou aquela *Etnografia* vão

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Id., id.* Pág. 12.

(2) *Ibid.* Págs. 12-13.

(3) *Ibid.* Pág. 13.

(4) *Ibid.* Pág. 16.

mais ao fundo das cousas populares, procurando-lhes a origem e a evolução.

Uma das razões que me impeliram à escolha, aliás provisória e contrariada, dos vocábulos *Folclore médico*, foi a de existir actualmente, em Cluj, na Roménia, um Instituto de História da Medicina, Farmácia e Folclore médico (Institutul de Istoria Medicinei, Farmaciei si de Folklor medical), que o meu ilustre colega Dr. Bologa distintamente dirige. Ê, pois, uma consagração oficial. Acresce que a maioria dos trabalhos sôbre medicina popular se denominam *Folclore médico*, havendo já quem use a palavra *Folc-Medicina*. Assim, uma das secções do X Congresso Internacional de História da Medicina, reunido em Madride, há dois anos, designou-se *El folklore médico en los distintos países civilizados*.

A sermos bem nacionais, tudo o que rescende a raiz estrangeira pede exclusão. E, assim, ficamos à espera de vocábulo melhor, simples e adequiado, não só para a *Medicina popular*, como para o *Folclore*.

Chamar-lhe-ia eu, resumidamente, *Medicina popular*, se a palavra popular adjectivasse sômente o povo simples, aldeão, inculto, como se entende, geralmente. Mas há povo e povo. Popular é o agrupamento social trabalhador duma fábrica, como o é um agrupamento de malhadores do Minho ou de ceifeiros do Alentejo.

E, contudo, quão grande o abismo que separa o fundo tradicional da educação duns e doutros!

Tempo virá em que as melhores, mais delicadas e mais portuguesas tradições se hão-de encontrar sômente no campo, na aldeia, ou na serra. O tufão do Progresso e da Cultura — que muito admiro, aliás — tudo subverterá.

Sendo assim, fixemo-nos neste ponto: hoje não me limito à simples e fácil (no entanto, útil como base) enumeração e registo de tradições médicas populares da Beira-Baixa, duma pequenina freguesia dessa curiosa província.

Pretendemos analisar êsse saber médico tão simples e tão grosseiro, procurando explicá-lo, a-fim-de colhermos ensinamentos vários de Terapêutica, de Patologia, etc.

Essa *Etnografia médica analítica* ou *Folclore médico analítico* (não pretendo apadrinhar esta inovação lexicográfica) diz respeito ao que colhi, em 1929, na povoação de Ranhados (Meda), donde trouxe curiosas achegas arqueológicas já apresentadas, também, a esta Sociedade (1930).

Tudo tem o sêlo de boa origem, *secundum artem* da Etnografia.

Resumirei o estudo sômente a essa colheita. A parte comparativa portuguesa deixo-a, sem com isso mostrar desconhecimento do que já está feito noutras regiões, por muitos e bons etnógrafos, que tanto se distinguem no rol desta agremiação a que tenho a honra de pertencer, para seu deslustre e desproveito. De todos dá rigorosa conta, na obra citada, o Prof. Leite de Vasconcelos.

Dum modo geral, mais palavra menos palavra, mais grão de sal menos grão de sal, mais perneira de arruda ou menos perneira de arruda, a Medicina do nosso povo é a mesma, de Norte a Sul do País.

O que colhi levaria mais de duas horas a expor, se o fizesse. Aponto sômente o que de mais típico encontrei, para o explicar. Isto fá-lo-ia eu com o material vasto já grangeado por outros rebuscadores. Preferi não sair de mim e servir-me com a prata de casa: assim, estou mais à vontade.

*

* *

Para mim tenho, e isso já vem a ser provado há muito, que em Medicina o povo pouco ou nada cria: o que sabe, deve-o aos práticos; e o que lhe não deve, provém do comum espírito cria-

dor de todos, homem paleolítico, primitivo da Austrália ou aldeão inculto.

Por isso diz Roberto Lowie, na sua *Anthropologie Culturelle*:

«La science européenne à l'aube de l'époque moderne était une assemblage bariolé d'apports, babyloniens, égyptiens, hindous, grecs, romains et arabes... La science, comme toute la culture du reste, n'est pas l'oeuvre de quelques races ou de nations favorisées mais de l'humanité tout entière» (1).

De todos é sabido que, no particular da universalidade de certas ideas e de certas práticas, sobejam provas em usos, costumes e tradições do Minho e da China, do Algarve e da África.

Na Medicina do povo verifica-se, como não podia deixar de ser, idêntica similitude.

Urge, pois, sabermos donde provém e como provém as tradições médicas populares. Três fontes, ao menos, as despejaram por aí:

- I — a primitiva ou ancestral, a que poderemos chamar original;
- II — a dos charlatães, curões e feiticeiros de ambos os sexos;
- III — a dos médicos e cirurgiões diplomados nacionais e estrangeiros.

No que toca a Portugal, não me interessa, hoje, a primeira fonte, por ser universal, geral, portanto; qualquer tratado etnográfico o ensina, explica e expõe.

Oiçamos, entre outros, Lavastine, que escreveu sôbre as superstições populares heterogêneas na Terapêutica:

(1) Robert Lowie, *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Trad. 1936. Pág. 368. Paris.

« Certaines durent presque inchangées depuis l'animisme primitif. Arthur Weigall, après bien d'autres, vient d'y insister à nouveau. L'intérêt de cette persistance est très grand. Elle permet, d'une part, d'en trouver une explication dans une origine instinctive profonde, souvent devenue subconsciente et, d'autre part, d'éviter une erreur quelquefois commise par les ethnographes en présence d'une coutume qu'ils trouvent la même dans deux groupes humains géographiquement très éloignés.

La première idée qui vient est que l'identité de la coutume indique une communauté d'origine et l'analyse folklorique est ainsi d'un emploi courant dans la genèse ethnologique. Mais il ne faut pas oublier la psycho-biologie humaine; les instincts humains sont peu nombreux et les moyens de les satisfaire naturellement très limités. »

E conclue, claramente:

« Par le jeu social des réactions instinctives les mêmes coutumes peuvent donc s'établir dans les milieux ethniques distincts et sans qu'il y ait jamais entre eux aucune communication » (1).

Mas o que se nos revela curioso, não só para a Etnografia, como para a História Médica, é o que se colhe das restantes fontes.

Ora este estudo é que não tem sido cultivado, com largueza, no nosso país. Razão tinha Leite de Vasconcelos ao escrever, referindo-se à imensidão de tal labor e justificando ter dado certo bojo ao capítulo que disso trata, na sua *Etnografia*:

« Este trabalho seria mais simplificado, se já alguém houvesse

(1) Laignel-Lavastine, *Introduction à l'étude du folklore médical*. Bulletin de la Société Française d'Histoire de la Médecine. XXIX. 11-12. 1935. Paris.

feito desenvolvidamente o que apenas em resumo, e mais como exposição de método, do que como desejo de esgotar assunto tão vasto... » (1).

E o mesmo douto professor, que chama « supremo desideratum de quem se dedicou a estudos etnográficos, a interpretação e origem histórica dos fenómenos », diz, noutra ponto;

« De ciência é mais pobre o vulgo, e excepto a que lhe provém da secular experiência das cousas e da sociedade, e da observação directa da Natureza, devemos, quasi sempre, considerá-la supervivência, por exemplo, na Medicina, ou adaptação, por exemplo, nos adágios » (2).

Eis em tôdas estas palavras a razão da palestra que ora vos faço. Como em História, a colecção e registo das fontes etnográficas, como tão bem o fez este ilustre investigador no 1.º volume da sua *Etnografia Portuguesa*, é, de-facto, tarefa meritória, como meritório o grangeio das tradições populares. Mas isso não basta. Bons e seguros livros abertos de Etnografia são, sem dúvida, as pessoas velhas desses campos e serras de Portugal: mas livros frios, mortos. É necessário colher-lhes outros ensinamentos, interpretá-los, seleccioná-los e estudá-los, de forma a podermos entender convenientemente a evolução mental e social dum povo.

Inúmeras páginas de livros e revistas guardam já abundantíssimo material desse género. Podemos dizer, repetindo um pouco o que atrás asseveramos, que, de inédito, pouco existirá na tradição médica popular. Falta agora estudá-la, agitá-la com consciência e obediência ao criticismo filosófico.

(1) J. Leite de Vasconcelos. *Ob. cit.* Pág. 92.

(2) *Ibid.* Pág. 4.

Assim entendemos agora a principal missão do investigador: passar da descrição pura, como vulgarmente se faz, à análise do que já se arquivou, durante tantos anos.

Depois de escrito êste trabalho, publicou hoje o *Comércio do Porto* um artigo do Prof. Agostinho de Campos intitulado *Portugal folclórico*. O ilustre pedagogo coimbrão nêle diz, encomiando uma recente obra de Rodney Gallop, à roda daquêle tema:

«Resultou daqui obra pessoal e original, além da sistematização que ainda não temos na nossa própria língua e aqui se encontra com as duas virtudes complementares da seriedade científica e da leitura atraente.

Resta agora que dêste livro se faça tradução condigna, ou que êle sirva de incitamento e modelo a algum trabalho português semelhante e igualmente feliz.»

E por isso também Lavastine e Fosseyeux, na crónica daquêle Congresso de História da Medicina, escreviam, a-propósito dos trabalhos nêle apresentados sôbre Folclore médico:

«Ce n'est que par la suite que l'on pourra dans une étude d'ensemble rechercher quels sont les caractères distinctifs du similaires ou folklore médicale dans chaque pays» (1).

Da *Etnografia*, entendida no sentido puro do vocábulo, mudemos o trabalho para a *Etnografia analítica* (perdoem a bárbara junção dos léxicos). Aqui me tendes para dar o exemplo, conti-

(1) Laignel-Lavastine e Marcel Fosseyeux, *Le Xe Congrès International d'Histoire de la Médecine*. Bulletin de la Société Française d'Histoire de la Médecine. XXIX. 11-12. 1935. Paris.

nuando idêntica tarefa de outros estudiosos, dos quais lembro, neste momento, Francisco Gonçalves e Cláudio Basto.

*

* *

Num trabalhito que, em 1930, apresentamos ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia prêhistórica (1), resumi o mais que pude — obrigado pelo regulamento — a análise etnográfica das mêzinhas repugnantes usadas pelo povo e demonstramos, assentes noutros autores, que os responsáveis dessa *estercoterapia* — como lhe chama Ricardo Jorge — eram os próprios médicos antigos, desde Hipócrates e Galeno, até há cousa de 200 anos.

O que então não pude dizer, por falta de tempo, di-lo-ei esta noite, pois conto com a largueza do nosso regulamento e a paciência gentil do nosso Presidente, mas muito mais com a generosíssima amabilidade e coragem da assembleia que me escuta.

Pouco direi sôbre métodos de diagnóstico, explicações de Patologia do nosso povo; mas direi muito da sua Terapêutica, porque a ciência médica popular pouco sai desta belga.

Reparto fàcilmente as drogas usadas empiricamente pelo povo desde remotíssima data e as demais que os nossos médicos lhes ensinaram, na prática ou por livro.

Escreveu Lowie (2):

«Toutes nos médecines ne sont elles pas venues de substances qu'on a commencé par utiliser empiriquement? Les remèdes des

(1) Luiz de Pina, *Os remédios imundos na Medicina popular*. XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique (Actes — 1931). Paris.

(2) Robert Lowie, *Manuel d'Anthropologie Culturelle*. Ob. cit. Pág. 365.

primitifs ne sont pas plus absurdes que ceux que prescrivait les plus grands médecins du XVII^e siècle ».

E lembra, então, o uso empírico de certa substância de que hoje os químicos extraem preciosas drogas medicamentosas.

Um dos mais ilustres historiadores da medicina, Fielding Garrison, dizia também, a propósito do fundo sobrenatural da medicina oficial durante muitos séculos e da idêntica feição da medicina popular actual:

«La medicina primitiva es inseparable de los modos primitivos de la creencia religiosa. Si nosotros queremos comprender la actitud de la inteligencia primitiva respecto del diagnóstico y del tratamiento de las enfermedades tenemos que reconocer que la medicina, en el sentido que nosotros la asignamos, es únicamente una fase de una serie de procesos mágicos o místicos destinados a procurar el bienestar humano o a alejar la cólera de los dioses irritados o de los espíritus malignos, a producir el fuego, a provocar la lluvia, a purificar los arroyos o las habitaciones, a fertilizar el suelo, a aumentar la potencia sexual o la fecundidad, a prevenir o a alejar las plagas del campo y las enfermedades epidémicas, y que aquellos poderes, unidos al principio a alguna persona, y a fuese esta un dios, un héroe, un rey, un hechicero, un sacerdote, un profeta o un médico, constituyen el concepto genérico que tiene el salvaje del *hacer medicina* » (1).

Dêste mesmo princípio se alimenta a sabedoria médica popular de todos os países. Daí os ensalmos, as orações, os cânticos, etc.

(1) Fielding H. Garrison, *Introducción a la Historia de la Medicina*. Trad. de García del Real. Calpe, Madrid. 1921. Págs. 10-11.

Êsses ritos *apotropaicos*, como lhes chama Castiglioni (1), são inúmeros entre os homens do povo.

E o doutíssimo professor de História da Medicina em Paris, Dr. Laignel-Lavastine, escreveu, na sua *Introduction à l'étude du folklore médical* (já citada) a respeito dos remédios populares ou Matéria médica:

«Est dicté par l'analogie, le contact, le transfert des qualités par opérations plus ou moins magiques est aussi par l'empirisme. Aussi, chaque jour, des propriétés therapeutiques utiles sont découvertes dans beaucoup des produits d'origine animale, végétale ou minérale de la matière medicale folklorique ».

O mesmo professor, que nesse trabalho preconiza o estudo analítico do folclore médico já arquivado — por já ser tempo de fazê-lo — diz que é basilar na terapêutica do povo a aplicação da lei da analogia do remédio com a doença, isto é, o *fotismo terapêutico*. E explica:

«Car le primitif, comme l'enfant, est un logicien et c'est en quoi dès l'aurore de la pensée il apparaît humain ».

São dois princípios antagónicos os que orientam o povo na sua terapêutica: *contraria contrariis curantur e similia similibus curantur*. Logo vos apresentarei as provas destas doutrinas, que chefiaram famosas escolas médicas e que, hoje, a Medicina oficial pratica insensivelmente: para exemplo, o emprêgo de extractos glandulares no tratamento das mesmas glândulas (*opoterapia*).

Na terapêutica popular a prática é, em grande parte, feita do

(1) Arturo Castiglioni, *Histoire de la Médecine*. Trad. de J. Bertrand. 1931. Pág. 27. Paris.

raciocínio analógico (Lavastine). Assim: Santa Clara cura as doenças de olhos, porque *luz* se encerra no seu nome e a claridade é a vida dos olhos; um dente de cão ou de toupeira trazido ao pescoço sara um dente que sofre; etc.

Muitas receitas terapêuticas populares são de tal forma complexas que se lhes não descortina a origem, porque o povo as adulterou e modificou com o passar das idades.

Outras nascem da imaginação dos curandeiros e curandeiras, que também desformam grande número delas, a seu bel-prazer, num empirismo explicável.

Ensalmos, amuletos, danças, rezas, etc., de tudo os homens se servem para afastar doenças, enxotando ou apaziguando os demónios ou os deuses que as lançam sobre a Terra! Isto há muitos e muitos séculos, repetindo-se através das idades até hoje, em Portugal como na América, na Groenlândia como na China!

Cabe nos métodos terapêuticos populares um largo assento à sugestão; é a Psicoterapia: bruxos e feiticeiras, mulheres de virtude ou bentos, de exorcismadores, parteiras e endireitas.

Na desregrada sabedoria do povo, a magia negra, com os demónios e a magia branca com Deus, Cristo e os Santos, baralham-se, numa promiscuidade politeísta.

Depois de apontar grande cópia de remédios populares, comparando-os aos do homem primitivo, diz Garrison:

«Es altamente improbable que ninguno de los mencionados remedios cure actualmente las enfermedades; pero existe, en cambio, una gran evidencia, del género más fidedigno, de que hay personas enfermas que se curan sin el auxilio de ninguna cosa » (1).

(1) Fielding Garrison, *Ob. cit.* Pág. 33.

Aí, então, entra a *fôrça da Natureza*, a *physis*, a *natura medicatrix*, amadíssima por Hipócrates! Da aplicação de muitos remédios populares — e mesmo dos da nossa medicina científica — às vezes só êsse princípio intervem na cura. Mas a fama da droga lá fica, a criar apaixonados!

Às vezes, aplica-se a droga, pensando-se que, se não fizer bem, também não fará mal.

Por isso dizia Curvo Semedo, médico do século XVII de que vamos já tratar, ao recomendar certo remédio a um tísico:

«Porque negaremos que o escarro do tísico pôsto no fumo da chaminé possa ser útil? E dado que o não seja, é certo não pode fazer mal: E eu não duvidara de tentar os remédios em que conhecesse não haver risco » (1).

*

* *

Passemos à segunda parte desta palestra, repôsto assim o roteiro que tomei.

Para procurarmos a origem de muitas usanças médicas populares, havemos de mexer nos livros antigos da Medicina. Ao fazê-lo, topamos por vezes com surpresas extraordinárias; de muitos, que poderíamos folhear para cotejo, escolhemos dois dos mais célebres, *O Tezouro dos Pobres* (2), do nosso médico e papa Pedro Julião ou João XXI e *Polyanthea Medicinal*, de Curvo Semedo, há pouco citado.

(1) João Curvo Semedo, *Polyanthea Medicinal. Noticias galénicas, e chymicas, Repartidas em tres tratados*, etc. Ed. de MDCCXXVII. Lisboa.

(2) *Thesaurus Pauperum Petri Hispani Pontificis Romani*, etc. M.D.LXXXVI. Francfort.

Vid. Luiz de Pina, *Pedro Julião ou Pedro Hispano (Papa João XXI)*, in «Arquivo Histórico de Portugal». 1932. Lisboa.

Uma e outra destas obras gozaram fama extraordinária. A primeira, escrita em latim, passou pelas nações do mundo e é mencionada com frequência; a segunda, com várias edições, desbancou tudo o que se escreveu no século XVII e ainda no século XVIII, no conceito popular.

Dos dois livros, não largarei até final a *Polyanthea*. Lembrem-se do Tio Vicente, o velho herbanário e curandeiro que Júlio Denis excelentemente apresentou na *Morgadinha dos Canaviais*? Pois para Vicente a *Polyanthea* era uma bíblia médica, de que servia com entranhada paixão para a cura dos doentes que concorriam à sua casinhota.

Júlio Denis, em certo passo, põe o herbanário a contar um caso célebre dessa farmacopeia, que revela a tal analogia ou *fotismo* de que falou Lavastine:

«Um homem, por ter comido umas amoras, foi atacado de dôres de cabeça, de que morreu. Pois tanto cismou que das amoras lhe viera o mal, que até se lhe formou no crânio uma pedra do feitio de uma amora» (1).

Dêsse fortíssimo poder de sugestão, breve apresentaremos melhores e mais singulares exemplos.

Pois, minhas Senhoras e meus Senhores, a *Polyanthea* de Curvo Semedo é, de facto, um livro curiosíssimo. O autor tem sido muito maltratado por contemporâneos seus e por críticos modernos. Ricardo Jorge diz:

«Verney... soube naquele tempo (século XVIII) estigmatizar devidamente a ignorância nojenta do autor da *Polyanthea*... O que

(1) Edição 18.ª, de 1920. Lisboa. Pág. 160.

assinala mais, histórica e deontologicamente, o Semedo, é a sua qualidade inexcedível de charlatão depravado e ganhuceiro — curandeiro ignóbil de marca maior. Nem os de hoje lhe passam o pé» (1).

No ponto lezado, Semedo merece esta aguilhoda do nosso mestre. Contudo, parece-me a obra, tão descosida e multifaceada, escrita por dois homens: um, o médico erudito, doutíssimo mesmo, conhecedor dos melhores livros nacionais e estrangeiros, com citações abundantes de autores, cuja tabuada pôs no começo da obra, num total de alguns centos! Outro, o charlatão, o mênzineiro, o *ganhuceiro* de Ricardo, a ensinar ao povo remédios incomparáveis de fantasia e de porcaria!

Como se puderam juntar num só volume estes dois mestres, é que não é fácil explicar. A-par-de muitas páginas que um médico de hoje subscreveria, escancaram-se muitas mais que o pior dos curões lusitanos enjeitaria com tremenda cascalhada de riso! Mas, isso é tema para breve estudo, que trazemos entre mãos.

Ele mesmo se refere ao grangeio nos livros de outrem, quando palavreia com o leitor:

«Confirmo quanto me he possível o que digo, com as autoridades marginaes, & extensas, porque me prezo tanto de especulativo, como de noticioso, & desejo mostrar que te servi não só com o entendimento, mas com o estudo». (Prologo ao leytor).

Emparelha com sua erudição e sólida cultura, o sestro de escrever bem a nossa língua, que anda para aí tão ofendida, sem *Polyanthea* que lhe acuda presto e com proveito.

(1) Ricardo Jorge, *Medicina contemporânea*. 1932. Lisboa.

Tão limpamente escrevia Semedo, que o douto Francisco Leitão Ferreira, em *Romance encomiástico endecasyllabo*, dirigido ao autor, nas suas *Observações medicas doutrinaes*, de 1707, elogiadas pelo próprio Ricardo Jorge, cantou entusiasmado ⁽¹⁾:

Curvo sois no apellido, & contra a morte
arco animado, que assestais nocturnas
locubrações por settas, emplumadas
da vossa penna, que he por Feniz, huma.

Semedo foi tambem por destemido,
pois intrepidamente a vossa astucia,
o aspecto horrendo de mortaes espectros
desafia, derrota, abate, assusta.

Já balsamo destilla a vossa penna,
que lhe sara os defeitos de corrupta.
E porque a enveja em desenganos læa
que sabeis desmentir a vãa calunnia;
Cicero Portuguez na lingua Lacia,
em frases de ouro, Lysia vos escuta.

Por isso Inocêncio da Silva dizia:

«É dos nossos antigos autores de medicina o que escreveu com maior correcção e propriedade de linguagem, no tocante à sua faculdade; e por isso os críticos o reputam como texto nesta parte» ⁽²⁾.

Que ao menos por essa prenda lhe sejam pouco ardentes, no purgatório da Crítica, as chamas depuradoras!

(1) Curvo Semedo, *Observações Medicas Doutrinaes De cem Casos gravissimos*, etc. Lisboa, 1707.

(2) *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Curiosos*. Coordenado por Ricardo Pinto de Matos. Revisto e prefaciado pelo Snr. Camillo Castello Branco. Pôrto. 1878. Pág. 317.

Um dos livros que, certamente, mais material semeou na sabedoria médica nacional, no que toca a remédios populares, foi o de Madame Fouquet, merecedor de muitas citas a Semedo, *Recopilaçam de remedios escolhidos* ⁽¹⁾, que D. Pedro II mandou traduzir para nossa língua, lançado do prelo de Miguel Manescal, impressor do Santo Offício e da Casa de Bragança.

Em França, como em Portugal, como aliás por tôda a parte, colhiam os receituários dêsse jaez copiosos merecimentos e aplausos da grei simplória e inculta. Inculta, sim; mas também os cultos da grei alta os aplaudiam e pretendiam em maré de aflicção e desespero da Medicina!

Não fugiam os reis ao contágio. O mesmo D. Pedro II comprara um dia o segrêdo da *água das cezões de Fernão Mendes*, proveitosa pela quina que lhe dava o mérito incomparável ⁽²⁾.

Num trabalho de há nove anos, *Mêzinhas e Remédios de Segrêdo*, o Dr. Silva Carvalho compendia muito do que em Portugal se uzava nesse capítulo ⁽³⁾. Lá dançam, aos olhos do leitor curioso, desvairado baile farmacopeico os *recipes* extraordinários do potentíssimo Curvo Semedo.

Mete argumentos delicados na audiência em que os outros médicos — ou ignaros, ou invejosos, em seu conceito —, se deitam a julgá-lo com demasiado rigor. E justifica a sua botica caseira onde, entre retortas, almofarizes e cadinhos êsse *ilustre descendente de Giraldo sem Pavor, Campeão valente* (como lhe chamou em soneto muito ensosso, na soleira do livro, o Dr. André Nunes da Silva) compunha admiráveis remédios de que guardava o segrêdo

(1) *Recopilaçam de Remedios Escolhidos de Madame Fouquet, Faceis, Domesticos, Experimentados*, etc. Lisboa. 1712.

(2) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* (Prologo ao leytor).

(3) A. da Silva Carvalho, *Mêzinhas e remedios de segrêdo*. 1928. Lisboa.

avarissimamente; segrêdo que defendia ao modo de outros esculápios:

« & muitos grandes Medicos, que reservarão para si a composição dos seus maiores segredos; & até o mesmo Deos (sendo o mayor bemfeytor do mundo) reservou hũa arvore no Paraiso: & he muyto filha da razão aquella maxima de Hermes, que o Autor sayba sempre mais que o seu Livro » (1).

E explica, ainda, que a queixa dos reclamantes dos segrêdos não tinha consistência nenhuma, pois não faltava com êles aos doentes:

« Os ponho preparados por minhas mãos nas boticas de São Domingos, & na de Antonio Thomás de Almeyda, morador ao Corpo Santo defronte do Beco da Estopa, dos quaes botica-rios tenho muyta experiência » (2).

Os seus remédios chegaram a fazer a carreira da Índia, para encher de vitórias as boticas dessa jóia do Império!

Safu da pênna de Curvo esta informação, para amassar de vez os críticos e defender-se de encofrar o segrêdo das suas mèzinhas. É que descaradíssimos aventureiros em que há *tão pouco temor de Deos, & do inferno*, se atreviam a fabricar e vender medicamentos que diziam seus, dêle Semedo. E aponta provas:

« O meu Bezoartico das febres malignas, & os meus Trociscos de Fioravanto, que não tendo mais principios que o meu estudo, a minha experiencia, & a minha curiosidade, & não havendo

(1) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* (Prologo ao leytor).

(2) Curvo Semedo, *Id., id.*

mais testemunhas da sua preparação, que as mãos com que os fabrico, hoje se vendem não só em muytas boticas de Lisboa, mas em suas Conquistas, & tambem na India com o nome de meus... » (1).

Protesta contra os colegas que lhe desprezavam as mèzinhas, porque lhes não conheciam a intimidade, como se êles conhecessem também a da *água de Fernão Mendes* para as sezões ou as *pedras cordiais* que inventara Gaspar António! Inveja, puríssima e declaradíssima inveja, a dêsses colegas, que, entretanto, iam receitando aquelas pedras e aquela água maravilhosa:

« Porque são inventos de Authores, que estão ausentes, que lhes não podem fazer sombra; porque se qualquer delles estivesse em Lisboa, lhe pagarião com desprezos, o que lhes devião agradecer como beneficio... » (2).

Não deixava de explodir razões o nosso *Giraldo-sem-Pavor* da Medicina: o conceito que expende é de ontem, como de hoje, como de amanhã será. Dos mortos e dos ausentes não teme alguém a concorrência!

Semedo, a pés juntos e de acerada pênna — indas que fôsse de pato — regeitava com soleníssimo aprumo o apodo de *ganhuceiro*, que já então lhe colavam ao talento: êle que nada mais buscava que o *desejo de vida & saude do proximo!* E a verdade é que os pobres encontravam nêle um misericordioso galeno. Assim o garante o Dr. Francisco da Fonseca Henriques, no texto do parecer que lhe pedem sôbre nova edição da *Polyanthea*, passado em 30 de Novembro de 1714:

(1) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* (Prologo ao leytor).

(2) *Id., id.*

«Na provecta idade de 80 anos, está acodindo aos enfermos com cuydado, principalmête aos pobres, a quem assiste com caridade, socorrendo-se com os seus especialissimos remedios sem interêsse...»

Mas não deixa de dizer Semedo:

«Serà injusta a queixa que se fizer de mim, porque fecho na minha mão os varios segredos, que novamente tenho alcançado, porque sò fecho a manufactura...»

E remata:

«Não estou obrigado a dizer o modo de os preparar, que isso he ser parvo, como diz Cicero» (1).

Todos os mais, em condições parelhas, lograram altos favores de reis e príncipes, como Fernão Mendes, de Luíz XIV, da França, e Pedro II, de Portugal; como Critóbolo, de Felipe da Macedónia; como Agaro de Pistoia, da raíña Joana da França; como Savanarola, de Borsio, Duque de Ferrara, e outros exemplos da magnanimidade dos Senhores em pagamento dos remedios de especial composição.

«Pois porque ha de ser em mim desdouro, o que nos outros foi merecimento?», clama o bemfeitor Curvo Semedo (2).

No que toca ao miolo da *Polyanthea*, chama a capitulo o leitor, em aviso amigo e tresandando a ironia:

«Se achares algumas cousas boas, novas, & singulares, entre

(1) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* (Prologo ao leytor).

(2) Id., id.

outras commuas, & ordinárias, perdoa o máo em satisfação do bom: considera que nenhũa arvore he toda fruto; colhe as rosas, & não te escandalizes dos espinhos; & se julgares tudo máo, fazes outra obra melhor, & dá graças a Deos, que repartio contigo tanto, dando aos outros tão pouco. Deos te guarde» (1).

Quanto à fama do livro e seu acolhimento além Lisboa, di-lo em carta ao autor um dos mais consagrados médicos do tempo, sifilígrafo de polpa, quimiatra sapiente, Francisco da Fonseca Henriques, o *Doutor Mirandela*, excelente escritor do *Apiarium medico-chymicum* (1711), do *Socorro Delphico* (1711) e do *Aquilegio medicinal* (1726). É também Henriques figura que merece, um dia, bem repassado estudo. Rosas e espinhos, como Semedo aponta na sua própria obra, há-as aos molhos e aos cabazes nos escritos do *Mirandela*. Espinhosos são, v. g., alguns talhões da sua terapêutica, gémea da curviana; mas, em boa razão, paira mais alta e firme sua sagacidade clínica.

Era na terapêutica que naufragavam os bojudos e pesados galeões médicos dêsse tempo: facto curioso, mas que se explica. O nosso servilismo a obras de sêlo estrangeiro inclinavam os esculapianos luzeiros nacionais a baizezas incomparáveis!

Quer Semedo, quer Henriques, para não alegar outros, abriam funda e forte vala na sabedoria forasteira e dela se defendiam e peroravam à turba enfêrma. Um e outro cataram remedios condenáveis em famosos médicos que os melhores tratados de História de Medicina engalanam de encómios: Hipócrates, Celso, Mercurialis, Forest, Galeno, Avicena, Senerto, Boneto, Riverio, Wilis, Van Helmont e tantos mais.

Dos remedios repugnantes ou fantasiosos de Curvo adiante

(1) Curvo Semedo (*Prologo ao leytor*).

trataremos, com liberalidade. Mas não quero deixar na sombra dois de Henriques, entre centenas dos que indica no *Socorro Delphico* (1).

E fica a demonstração já arrumada:

«Para convulsões: ...he bom remedio metter as partes convulsas em esterco quente de cavallo, principalmente murzello, quinze, ou vinte dias, e nos degoladouros dos boys, quando ainda estiverem quentes; e por sobre ellas bofes de carneiro castrado, applicando-os com o calor com que se tirarem; e pombos, caens novos, galos e galinhas, abertos vivos, e postos logo sobre as ditas partes.

«Ou se use do unto que de si destillar hum pato assado, recheando-o nesta forma: tomem hum pato bem gordo, tirem-lhe as tripas, e em seu lugar se meta hum gato de poucos dias nascido, sem pelle, e sem tripas, e feito em bocadinhos, etc.» (2).

O pato, recheado com drogas de muita nação, assa-se no espêto e a gordura destilada aproveita-se para untar as partes convulsas.

Não cabe a Henriques a paternidade invencioneira, mas a Pedro Pacheco e Gatinaria!

Outro *recipe*, para a surdês:

«O oleo de ratos he remedio muito decantado neste achaque; e prepara-se tomando os ratinhos recém-nascidos, ainda sem pelo, cortando-os miudamente, lançando-os em azeite, o qual ferverà

(1) Francisco da Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, Aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*. 1750. Pôrto.

(2) Francisco da F. Henriques, *Ob. cit.* Pág. 185.

bastantemête, e depois se coarà, e espremerà, e delle se lançarão varias vezes humas pingas nos ouvidos» (1).

Quer êste óleo, quer a água destilada dos mesmos ratinhos, são propagandeados por mestres estrangeiros, como Forest, Sernerto e Gisberto Horstio!

Henriques escuda-se, em muito passo, na autoridade curviana, donde extrai farto saber farmacológico; por isso o famoso médico de Mirandela escrevia, na carta a Semedo, de 29 de Julho de 1698, impressa na *Polyanthea*:

«E quizerá eu que vossa mercê se lembrasse sempre de que em quanto me durar a vida, terá em Tra los Montes hum publico affectivo venerador de seu maravilhoso talento, segurando-se em que se nestas distancias quizer a fortuna mostrarme occasiões de servillo, ha de achar sempre a minha obediencia sobornidada aos imperios da sua vontade».

No já referido parecer do Dr. Fonseca Henriques, dado sôbre a obra, em 1714, lê-se:

«Por todas estas razoens não só me parece que este livro, & os seus additamentos são muyto dignos de se darem ao prelo; senão, que seu Author, pelo que acredita a nação Portuguesa, & pelo que utiliza ao bem comum, se faz credor de mayores honras».

A honra, ou a deshonra, pois, a quem caibam.

Reatemos o fio roto no ponto em que falava de Curvo Semedo, *cubiculário do rei, observador dos mais illustres que tem tido a medi-*

(1) Francisco da F. Henriques, *Ob. cit.* Pág. 229.

cina portuguesa, médico insigne que num dos seus livros previu claramente a origem microbiana da tísica, assegura o Dr. Júlio Dantas ⁽¹⁾.

Lê-se na página 172 da *Polyanthea* (ed. de 1727):

«Não se pode explicar quam pegajosa seja esta doença».

O contágio, pelo menos, estabelece-o com provas o autor, mormente pelo escarro!

Idêntica idea forma sôbre o *garrotinho* (ou angina, diz Semedo) e a *epilepsia* (241).

É, porém, digna de nota a advertência de Semedo, posta na página 569 e que é:

«Os enfermeiros, Medicos, Confessores, & pessoas que assistirem aos doentes de febres malignas, tísicos, & asmaticos, tenham muyto cuydado de não levar para bayxo a saliva... porque nela se imprime a doença que passará a quem assim não fizer».

O conselho deve-o a Isaac Job Venceslau (*De praeservativo pestis*).

A previsão de que fala Júlio Dantas não é, pois, de Curvo Semedo. Mas louva-se-lhe a advertência inteligente.

*

* *

Ora a *Polyanthea*, meus amigos, é, nem mais, nem menos, para nós, folcloristas, mina feracíssima de ricos metais. Ali há de tudo. Acreditamos sinceramente que a maioria dos remédios que

(1) Júlio Dantas, *O amor em Portugal no século XVIII*. 1916. Pág. 246.

trombeteia ao Portugal inteiro, foram apanhados na seara popular; outros, subscrevem-nos os mais capazes e encomiados autores forasteiros; outros ainda, em menor soma, creio, são de fábrica própria.

Mas, bem escabichada a substância, cai-se num fundo de saber popular.

Em resumo, através da *Polyanthea* de Semedo recolhem-se estas lições:

1.^a — Muitos dos remédios populares actuais são reproduções, na sua maioria levemente alterados, daqueles que Semedo propagandeia.

2.^a — Semedo inspirou-se na tradição popular para a composição de grande cópia das suas mênzinas.

3.^a — A *Polyanthea* foi editada várias vezes. O seu crédito na classe não médica, no povo, ganhou alturas descomedidas. É livro ainda hoje existente em muitas casas portuguesas e bastante vulgar no mercado de obras velhas, como precioso *livro de oiro* das famílias.

4.^a — À falta de médicos e cirurgiões diplomados, os barbeiros e curandeiros, sangradores e bentos acudiam aos enfermos, por essas terras da província.

O livro, acessível em extremo, com receituário que empregava substâncias caseiras ou fáceis de obter, foi o refúgio oportuno da capacidade limitada dêsse *idiotas* (assim se chamavam aos práticos não diplomados).

Daí, a sua aceitação. Conhecido o seu conteúdo, êste alastrou-se e fixou-se na memória dos doentes e dos circunstantes. E como o povo é estruturalmente tradicional, as gerações trans-

mitiram o saber. A juntar a causas várias da escolha de remédios que se não topam nos vidros da botica, há outra, não menos importante: a carência de moeda para comprá-los ao balcão da dita!

Por isso o povo, arredado da *urbe*, procura à sua roda as substâncias que lhe aproveitam em mезinhas: no curral, na horta ou no alegrete, no monte ou no campo!

E alguns doentes mais não terão do que essa improvisada farmácia a substituir a botica legal, que fica a muitas léguas; e chegam-se a curões mais ou menos estúpidos, esquecendo o médico oficial que não chega para as encomendas, que vem sempre muito tarde, à falta de transporte rápido.

5.^a — Semedo era um grande psicólogo e, portanto, fino observador do povo: deu-lhes remédios que mais se achegavam às suas preferências. Hoje mesmo — bem o sabeis — seja um humilde artífice ou letrado de muita sabença, dá-se mais crédito, às vezes, a um curandeiro do que a um diplomado na Medicina.

Há vinte anos, escrevia Francisco Gonçalves, já citado:

«A ilustração não tem, pois, impedido absolutamente que pessoas com cursos universitários tenham recorrido a especialidades farmacêuticas problemáticas anunciadas nas colunas da quarta página dos jornais diários, adoptando-as aos seus padecimentos, cuja patogenia por êles ignorada e erradamente compreendida, se coaduna sempre com as indicações do anúncio. E quando assim não procedem, não hesitam em se apressar a reclamar a cómica intervenção de chinasas (Lisboa tem a prova disso) para extrair bichos dos olhos» (1).

(1) Francisco Gonçalves, *Breves considerações sobre medicina popular*. 1917. Pôrto.

Razão também porque Semedo era aceite, com tóda a sua bagagem terapêutica, nas mais opulentas e nobres casas de Portugal: diga-se, a correr, que o Rei e outras figuras notáveis do nosso país, como Rafael Bluteau, priores e maiores de ordens e conventos, o Príncipe de Digne, um filho do Vicè-Rei da Índia, embaixadores, alguns médicos, até, foram seus doentes.

6.^a — A *Polyanthea* de Curvo Semedo originou: o registo de receituário médico popular do seu tempo, que assim consagrou e que por isso torna o livro um opulento repositório folclórico; e a expressão, entre as classes populares, de muitos outros remédios estrangeiros, também de feição primitiva. Houve assim, e por seu intermédio, uma forte interpenetração folclórica.

Estudar, portanto, a *Polyanthea*, é estudar, de maneira geral, o folclore médico português e estrangeiro: quando se comparam, encontramos surpreendentes analogias.

Quere dizer, os livros de medicina nossos e de além-fronteiras, de há 150 ou 200 anos para trás, foram os mais sólidos veículos de transmissão e cultura da sabedoria popular médica.

Por outra banda, muitas indicações de Semedo enraízam muito longe. O *Tezouro dos pobres*, de Pedro Hispano, cuja 1.^a edição é de 1462 ou 1476, segundo outros, livro escrito caridosamente para os desvalidos e humildes, em meu entender, foi também obra com largo editorial, pelos tempos fora. Bem podemos afirmar que êstes dois livros, *Thesaurus* e *Polyanthea*, foram os mais rijos, amados e inatacáveis bastiões da medicina popular de todos os tempos.

Outros livros do Doutor Mirandela, que já citei, de Gonçalo Cabreira (1) e mais lusos galenos dar-me-iam, também, fartas

(1) Gonçalo Rodrigues de Cabreira, *Compendio de muitos, varios remedios de Cirurgia, etc.*, 5.^a ed. 1671. Lisboa.

espigas para grangeio desmedido e ao parecer do de Curvo! Mas isto é empreitada que demanda outro tempo e outro estudo.

Eis, em resumo, a importantíssima informação histórico-médico-social que se colhe da análise etnográfica.

*

* * *

Mais duas palavras sôbre a *Polyanthea*. Ao indicar certa precaução médica, disse Semedo:

«Estas advertencias são escusadas para as terras onde houver medicos letrados; mas como nos Campos Aldeas & Lugares pequenos se cura muyta gente com Barbeyros, he necessario que saybão esta pratica, pois he muyto factivel, que pela não saberem morrão muytos doentes (1)».

Isto prova a intenção do autor. E por isso também, entre os seus livros impressos que nomeia ao leitor, em prólogo, se encontra o «Peculio de muytos remedios, & conselhos medicinaes utilissimos para todos, principalmente para os que vivem em terras, que não tem Medico», e que cita frequentemente no texto da *Polyanthea* (2).

Noutro ponto, diz, a propósito de alguns doentes recusarem os seus remédios:

(1) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* Pág. 98.

(2) Na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Pôrto o n.º 3734-3736, do Catálogo respectivo (Prof. Pires de Lima), encerra: *Memorial de varios simplicis Que da Índia Oriental, da America, & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remedio de muytas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com que se devem usar.* É de Curvo Semedo (junto à edição da *Polyanthea*, de 1716).

«Neste particular são mais ditosos os humildes, que os soberanos; porque estes querem que os remedios sejam a seu gosto, & os humildes não tem mais gosto que o que he vontade dos Medicos».

Ó quanta razão eu não tinha em chamar bom psicólogo a Curvo Semedo!

Noutro lugar ainda, esclarece:

«Se algum Medico... aplica algum remedio fora dos que sabem os Barbeyros, pode chamar-se mofino, se o successo for mau; porque gritão sobre o Medico, tirando-lhe o credito, pagando-lhe com injurias, o que elle lhe quiz fazer por beneficio...» (1).

E adiante, a propósito da pujante possibilidade da Arte:

«Sendo abundantissima de medicamentos, está (na opinião do povo) reduzida só a sangrias, purgas, ajudas, ventosas, sanguexugas, amendoadas, tiganas, fontes, caldas, & suores, leyte, soros & frangãos, & dão por acabados os remedios da Arte, sendo elles tantos, que não tem a Arithmetica numeros, que bastem a contallos» (2).

Louvava esta perniciosa polifarmácia o mesmo homem que elogiou, entusiasmado, o progresso da Química e que empregou, com consciência e ciência, o antimónio, o mercúrio, a nós vómica, a quina-quina, e tantas outras substâncias que a Terapêutica moderna hoje prescreve! Não nos admiremos muito da aceita-

(1) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* Pág. 195.

(2) Curvo Semedo, *Id., id.* Pág. 195.

ção popular dos remédios da *Polyanthea*. Castiglioni, ao historiar a Medicina do século XVIII, escreveu:

«La faveur des médecins et du public allait toujours à des drogues composées d'ingrédients étranges et d'une utilité assurément douteuse.

Bien que des savants d'une grande autorité condamnent l'emploi de la thériaque, des yeux d'écrevisse, des perles, de la chair de vipère et autres produits, ces médicaments n'en continuent pas moins à avoir la vente la plus étendue » (1).

E quanto ao século XVII, diz:

«La phamacologie ait fait des progrès si notables que l'on peut considérer que c'est de ce siècle seulement que date une thérapeutique scientifique fondée sur l'expérience » (2).

E refere a cópia de remédios secretos e de composição mais ou menos complicada, pílulas, águas, etc., que no dito século e dêle em diante tanto furor lançaram no meio médico. Acrescentem-se as substâncias oriundas de terras ultramarinas (quina, ipeca, etc.). Castiglioni dá relêvo às mizinhas de segrêdo ou especialidades, de comércio lucrativo.

O nosso Curvo conhecia tudo isso, da vasta leitura dos clássicos e contemporâneos. Vogou, por tal e largamente, na mesma maré! E explicava êle, bom partidário da Química:

«Sey que a gente popular tem grande medo ao Antimonio, & a todos os remedios Chymicos, que mais facilmente quererão

(1) Arturo Castiglioni, *Ob. cit.* Pág. 530.

(2) *Id.*, *id.* Pág. 453.

morrer, que tomallos... (1) nem louvo em tudo Eschola Chymica, nem reprovo em tudo a Galenica » (2).

Estas palavras explicam lealmente, no seu cómodo eclectismo, a dupla faceta da memorável *Polyanthea*.

*

* *

Nas fórmulas por mim colhidas em Ranhados, certas há que se baseiam em doutrinas a que Semedo dá grande crédito: — assim a da transplantação de doença aos animais e às coisas, a das analogias (de que também fala Lavastine), etc.

No que respeita a transmissões de enfermidades, diz o povo de Ranhados, como já indiquei no que toca à icterícia: — o doente urinará em farelo, que põe numa saquinha ao fumo da lareira; consoante vai secando a urina, assim seca a icterícia, desaparece.

Pois lá diz Semedo, firmado em bons autores:

«Se os doentes de ictericia, ourinarem muytos dias sobre o esterco de cavallo estando quente, sararão da tal doença: eu tenho sido testemunha de vista de alguns doentes da ictericia, a quem mil remedios da Arte não aproveitirão, & só com ferver todos os dias a ourina do icterico, até se secar, sararam » (3).

Mais conta Semedo:

«Refere André Cnofenio, que certo homem muyto achacado de dores de gotta, fazia que hum cão lhe lambesse os pés got-

(1) Curvo Semedo, *Polyanthea*, etc. *Ob. cit.* Pág. 275.

(2) Curvo Semedo, *Id.*, *id.* Pág. 278.

(3) Curvo Semedo, *Id.*, *id.* Pág. 75.

tosos todos os dias, & que todas as vezes que o doente sentia dores, as tinha também o cão » (1).

Desta maneira se transmitia a doença ao animal. Revejo, neste momento, Job miserável e chagoso a deixar-se lamber pelos cães!

Lembranças bíblicas regista a *Polyanthea*, como a transferência da lepra de Naamam para Giezi.

Em páginas 219 e 221 Semedo dá louvor descomedido ao lamber dos olhos com a língua duma pessoa (viva, é claro!), para tirar a névoa!

Mas pode dar-se o contrário e virar-se o feitiço contra o feiticeiro, nisto de transferência dos males:

« Assim, conta que um estrangeyro curiosissimo, sabendo que algumas doenças se transplantavão de huns corpos para outros, quiz sarar de huma diabetica, & para isso distillou a propria urina, com intento de dar o sal della a hum cão, para transplantar nelle a sua doença; & supposto não conseguiu o que desejava, tirou por fruto o saber a certeza das sympathias & antipathias que tem muytas cousas entre si, porque quando se destilava a ourina, lhe crescião as dores, ao passo que o fogo do lambique crescia ».

Oiçam outra receita de Ranhados, para o *resfriado* das crianças:

« Suadoiros de lá suja, batata, etc. Para ver se está curada, arranque-se um torrão de erva do tamanho da criança e deite-se esta na cova que ficou. Aí estará um ou dois minutos. Retira-se, repondo o torrão, mas com a erva voltada para baixo: se esta seca, a criança morre; se não seca, a criança sara ».

(1) Curvo Semedo, *Id., Id.*

Ora lá diz na *Polyanthea* Curvo Semedo (transplantação de doenças a vegetais):

« Assim o vemos nas folhas da persicaria maculada, que toca nas chagas, & enterradas em lugar humido, sarão ao mesmo passo, que as folhas vão apodrecendo... ».

Reparai na semelhança da prática.

E, mais:

« Assim o tenho visto na raiz do lirio, que partida pelo meyo, & esfregando com ella os caroços das alporcas até a raiz aquecer, & pendurando depois disto a tal raiz ao fumo da chaminè, cura as alporcas, ao passo que a raiz se vay murchando ».

De Tomaz Bartolino respigou lição o nosso discutido autor.

É êle que conta:

« Se sangrarem a um tísico no braço, & derem aquelle sangue a hum gallo, melhorará infalivelmente o tísico » (pág. 77).

E de João Doleu catou esta prática:

« Se tomarem o escarro purulento de hum tísico em hum panno lavado, & o pendurarem na chaminè aonde houver fumo, sarará a chaga do tísico ao passo que o escarro se for secando » (pág. 77).

Os exemplos seriam bastantes!

Da simpatia *medicamento-doença* há flagrantes provas na *Polyanthea* e no receituário beirão.

Para o trazorelho, diz o povo de Ranhados, nada melhor do que o miolo da queixada de baixo dum suíno (o mal é das parótidas, que tão íntima relação têm com o maxilar inferior — ramo montante).

Chamam *rã* ou *rana* a certa doença da bôca das crianças, que as não deixa mamar: — salutar remédio é tomar-se uma *rã* viva, esfregar com ela a bôca do infante e pô-la depois a secar ao fumo da lareira (a *rã*, claro!).

Para que seu leite desapareça a fim de desmamar o filho, deite a mulher algumas gôtas num bocado de pão que se pendura ao fumo da lareira ou esprema o seio de maneira a cair o leite no fôgo. Para *secura*, *secura*!

Quanto a dores de cabeça, são óptimo remédio os miolos de galo ou a cinza da cabeça duma toupeira posta sôbre ela (pág. 45), etc., etc.

E Semedo assinala idênticas práticas analógicas:

— Priapo de raposo, sêco, trazido sôbre o ventre da mulher que sofra do útero, é coisa de muita virtude.

— Para os doidos, miolos de burro (pág. 202).

Também para os acidentes de Gota-coral ou Epilepsia aponta:

« Das cristas das galinhas & dos frangãos se faz huma iguaria, a que os estrangeyros chamão Fricassé, com que se preservava Heliogaballo dos accidentes referidos » (pág. 65).

— Queixo de ouriço cacheiro, pendurado ao pescoço, livra das dores de dentes.

— Para isso também é coisa de muito proveito um dente de toupeira, trazido ao pescoço, arrancado estando ela viva.

Semelhante aprêço dá Semedo ao dente de homem defunto, que morrer de pura velhice, sem frio, nem febre. E Pedro Hispano, alguns séculos antes, indicava a aposição duma planta chamada *dens caninus* sôbre o dente lesado ou pó de dente de cão ou leite de cadela (*Thes. paup.*).

— Para as mordeduras de lacrau, óleo de lacrau; ou êste morto & machucado pôsto na ferida.

Em Ranhados o óleo de lacrau uza-se para as queimaduras.

Para as dores de cabeça também aproveitam muito as *pellículas*, que dividem as pernas das nozes (*Polyanthea*). Eis a semelhança, que noutro ponto Semedo regista, das meninges com essa delicada pelezinha que forra o miolo da noz:

« Porque as nozes tem em tudo, & por tudo uma signatura, e semelhança tam parecida com o nosso miolo, membranas & tunicas, que são capazes de aproveytar muyto nesta doença ». Isto a propósito de *Parlesia* e *Convulsão* (pág. 125).

— Os pêlos do cão danado, postos sôbre a mordedura do mesmo, são assinalado remédio.

Não sairíamos daqui hoje se houvesse de expor-vos tudo o que neste capítulo pude estudar e registar. O que aí fica sobeja!

*

* *

Fundíssimas raízes algumas práticas de Semedo (e chamando Semedo chamo os seus contemporâneos e antecessores estrangeiros). mergulham em terreno de muita idade. Há delias algumas que tocam a Prehistória: — eis a chamada *supervivência*, que se descobre em grande cópia das receitas curvianas.

Para não citar mais, lembro que então se trepanavam os crânios e que na sutura sagital e parte da occipito-parietal de muitas caveiras dessa época se encontram vestígios de intervenção cirúrgica, conhecida pelo nome de *T sincipital*.

Dizem os cultores da Paleo-medicina e da Arqueologia: essas práticas relacionavam-se a com ritos especiais contra doenças do fôro nervoso (epilepsia, etc.) (1).

(1) Luiz de Pina, *Vimaranes. Materiais para a História da Medicina Portuguesa*. 1929. Pôrto. Págs. 38-40. A principal bibliografia é exposta pelo autor (notas de págs. 312-313).

Rodelas ósseas provenientes da trepanação uzaram-nas os homens da Prehistória, possivelmente como *rito apotropaico*, como amuleto. Na Medicina popular de Itália êsse costume subsiste; e a nossa *Polyanthea* lá traz o uso de *casco de caveira de homem*, para a *gôta coral* ou epilepsia (pág. 73).

Pois Semedo, em muitas circunstâncias e dentro do terreno da Patologia nervosa, com ninho cerebral, indica larga aplicação de ventosas simples e sarjadas ao longo da sutura coronal. Por vezes, ensina que o sarjamento deve ir bem fundo no casco! Assim, para a cura dos acidentes na *gôta coral*, manda que:

«Deytemos sobre a comissura coronal uma ventosa sarjada, ou façamos na mesma parte hum cauterio a modo de Cruz...» (pág. 64).

E explica:

«Esta he a chave mestra, que abre as portas para se hirem os sobreditos accidentes».

Alega para a sua prática muitos autores estrangeiros, o que sempre faz com rigor, muito para louvar! (pág. 64). Noutra lugar, para as dores de cabeça, aponta idêntico cauterio:

«Até chegar ao osso, em que a sutura sagital se aponta com a coronal» (pág. 43).

E ensina que Mercado os applicava assim, mas junto das suturas. E noutra ponto, ainda, esclarece que, para acabar com essas dores, só:

«Sarjando-se a carne, ou legrando-se o casco...» (pág. 46).

Como sabem, legrar é trepanar (de *legra* = trépano: aparelho cirúrgico ou de broca, que perfura o crânio por meio duma coroa dentada de movimento circular).

A respeito do tratamento da *apoplexia*, garante que a cauterização da cabeça sôbre a sutura coronal e o occípito, é remédio assinalado. Outros recomendam pôr na cabeça um capacete de ferro em braza (pág. 143).

Em página 162 Semedo discutiu sôbre a melhor forma de dar saída aos humores da cabeça, isto é, cauterizando ou abrindo o casco, por meio de cauterio que:

«Sempre deyta fora alguma escama do osso» (pág. 163).

Não posso avançar sem referir-me a um outro capítulo curiosíssimo da *Polyanthea*, que trata extensamente do poder da imaginação na etiologia das doenças e outros fenómenos fisiopatológicos.

Assim:

«Uma mulher, que não tendo febre, nem delirio, se lhe offendeo a imaginação de sorte, que bebendo hum pucaro de agua, entendendo que tomava huma purga, que tinha em outro semelhante pucaro, teve tantas ancias, & vomitos, como se tivesse tomado a purga mais enjoativa» (pág. 95).

De outro doente (caso referido por Boneto), que todo se desesperava e arrepelava por não poder tomar certas pílulas purgativas—por delas haver falta—, tomou outras de miôlo de pão com que seu astuto médico o enganara. Pois o efeito purgativo foi maravilhoso! (págs. 94-95).

Mas o pior é que a fôrça da imaginação chega a originar monstros. Assim o explica Semedo, por autoridade de André Lou-

renço: certa mãe, quando pejada, costumava vêr-se a um espelho quebrado em dois; ora com dois rostos nasceu seu filho, fruto daquela representação dupla da cabeça da mãe!

Outros monstros nasceram por idêntica fôrça sugestiva e imaginativa:

«Uma filhinha do correeiro de Lisboa João Ferreira nascera com bigodes, sòmente porque a mãe beijara muitas vezes um pintasilgo & foy tão poderosa esta acção, que concebendo naquela noite, se imprimirão na criança as azas do pintasilgo» (pág. 95).

Por isso, diz Semedo com outros autores, nascem por aí crianças aleijadas e doentes pela única razão de suas mães, no acto da concepção, pensarem ou verem certos objectos, aleijões e doenças que no fruto de seu ventre se assinalaram.

Desta ideia se mancha grande parte das tradições populares médicas antigas e modernas. Muitas, também, são cientificamente aprovadas.

Hoje admite-se que as profundas impressões morais da mãe podem prejudicar a concepção. Para não alegar autores de fora, cito os trabalhos que, sôbre monstros, nos tem dado o Sr. Prof. Joaquim Pires de Lima. Quantos fenómenos de fundo histórico não poderia apontar-vos, trasladando-os dos livros modernos da Medicina, para explicação de muitos destes sucessos!

No capítulo teratológico, Curvo Semedo é extenso e confiado. Para rematar seus esclarecimentos, mais duas opiniões por êle aprovadas: certo homem, no acto conjugal, dissera a sua mulher, por brincadeira, que nela iria gerar um cão. A impressão foi de tal ordem, que um cão nasceu daquele congresso humorístico.

E Zacuto Luzitano, o nosso grande médico judeu seiscentista (conta Semedo), refere o caso de outra mulher a quem nascera

um animal de quatro pés com a cabeça cheia de cabelo. Tudo fôrça da imaginação!

Em Ranhados e por tôda a parte se crê que o contar estrê-las faz nascer cravos nas mãos; que nasce com o beicho rachado a mulher que traz à cinta uma chave, no tempo de andar pejada; que nascem com manchas os filhos das grávidas que metem dinheiro no seio ou cheiram uma flor, etc.

Lá se vêem na *Polyanthea* superstições análogas, devidamente explicadas.

Entre mais aponta o grão que Cícero tinha no nariz, donde lhe viera o nome *Cicer*.

Onde nos levaria todo êste capítulo dos *naevi materni* ou *maculae maternae* e demais sinais com que as crianças nascem, desde os simples pontos às *rosas* e aos *nevi pilosos*! Cêdo à tentação de transcrever mais êste divertido texto curviano:

«No acto conjugal costumão os generantes imprimir nos filhos as mesmas figuras, & feyçoens do rosto, que elles fazem, ou em que imaginão, quando os estão gerando: assim o entendeo Aristoteles, quando sendo preguntado porque razão os filhos dos animaes sejam mais parecidos com os seus generantes, do que são os filhos dos homens, respondeo dizendo, que os homens quãdo estão gerando os filhos, estão muytas vezes divertidos em varios pensamentos; o que não succede nos animaes, que todo o seu cuydado se applica ao acto da geração» (pág. 95).

Para remate desta matéria, diremos com Semedo: nem só produz monstros a *fôrça da imaginação*, mas também perfeitissimos frutos. Assin é o caso daquele sujeito que, anciando ter um filho muito formoso, mandara pintar um belo infante num retábulo, que dependurara numa das paredes do seu quarto.

E rogava à mulher, para que o seu desejo fôsse satisfeito,

que olhasse o painel durante o acto conjugal. E o caso é que dêle se gerara um serafim lindíssimo! Garante o facto com Galeno (*tibr. de theriaca ad Pisonem*), di-lo em repetição do conto no ofertório a D. Rui de Moura Teles, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, nas *Observações medicas doutrinaes*, de 1707.

*

* *

Não posso estirar muito esta palestra e por isso começo a apresentar alguns casos de analogia flagrante entre receituário moderno popular de Ranhados e receituário de há duzentos anos, tirado de Semedo. Não podemos, por impraticável, confrontar tudo, pois mais de 150 números conto na farmacopeia que colhi. Um ou outro, também, cotejarei com recipes de Pedro Hispano, do século XIII, posta na edição do século XVI do *Thesaurus pauperum*, já mencionado.

E vamos de jornada até Ranhados do Douro, para vermos como se diagnostica e trata a *espinhela-caída*. Se alguém não sabe o que isto é, oiça Semedo, que magistralmente o explica:

«Declaro, & faço presente ao mundo todo, que da espinhela relaxada, amolecida ou virada, se fazem muytas pessoas heticas, & tísicas, & padecem muytas queixas, cujo remedio consiste só em levantar, & confortar a dita espinhela» (pág. 175).

A espinhela é, nada mais, nada menos, do que o apêndice xifoideu do osso esterno, a

«qual cartilagem chamão muytos Furcula, outros Malum granatum, outros, Xiphoides, ou ensiformis» (pág. 175).

Serve para defesa da bôca do estômago.

Comenta Semedo:

«He muyto para reparar, que, depois de tantos seculos, dure ainda a contenda sobre resolver se ha, ou não ha espinhela cahida, tendo muytos para si que he engano, & fingimento das velhas» (pág. 175).

Semedo reprova os médicos que disto se riem e a rir deixam à revelia os doentes,

«Com injuria da Arte & perda da saude».

Em seguida, o autor indica muitos casos em que mandou *endireitar* ou *levantar* a espinhela, fábrica de dores, fraqueza e outros sintomas variados, ali na bôca do estômago (tosse, fastio, magreza, vômitos, soluços, arrotos, convulsões, etc.).

Dos remédios applicados indica óleos, emplastos, defumadoiros, etc. Se êstes não logram vencer o mal, manda-se o doente a quem saiba levantar a *espinhela*; para isso, há mulheres de alta ciência.

Em muitos autores se escuda Semedo, no crédito que dá à *espinhela-caída*: Senerto, Maroja, Zacuto, Bartolino, Manjoto, Pisão, Borriquito, Biolano, Barbetto, Fernélio, etc.

Pisão, na sua *Medicina do Brasil*, indica-a como *Morbus spinela Lusitanis apellatus* (pág. 179. Nota marginal).

Contudo, Semedo rejeita a parte violenta do levantamento da espinhela, como seja

«Estirar, & espremer os braços, pendurar nas portas, apertar excessivamente com toalha pela cintura, & outros modos que se usão».

Estes modos

« Parecem ridículos, & mais molestão que aproveitão »
(pág 179).

Em prática sabida em Ranhados êsses modos sobrevivem. Senão, oiçam: o paciente senta-se no chão, unindo bem as pernas, de forma que os pés tomem o mesmo nível. Levanta os braços: se as extremidades dos polegares ficam à mesma altura, o caso não é de espinhela caída; se um fica mais baixo do que outro, a cousa é séria; então, senta-se o doente na cama: no braço mais curto fazem-se massagens para baixo; no outro, massagens para cima; assim, alcançarão os braços a mesma altura!

Segue-se o repouso: braços no regaço, sem bolirem.

Outra fase da operação: o paciente cruza-os sôbre o peito e dois operadores os puxam pelas mãos; descruzam-se e cruzam-se outra vez, ao contrário da primeira, com outro esticão.

Depois, deita-se um joelho às costas do doente, que se puxa para trás com violência.

Após esta operação, que deixará a espinhela no lugar, deite-se o curado devagarinho, que não há-de mexer-se. Uma ventosa na região xifoideia — onde a espinhela fez das suas — termina a sessão! Mas isto se executa duas vezes ou três, o máximo. *Quantum satis* . . .

Num pequeno trabalho de há poucos anos (1) refiro também a crença da *espinhela-caída* em terras da Índia, no século XVII. A informação colhi-a num manuscrito da Biblioteca do Arquiginásio de Bolonha, em 1931, referente à viagem de missionários

(1) Luiz de Pina, *Subsidio para a História da Medicina Portuguesa Indiana do século XVII*. Pôrto. 1931.

italianos para aquela terra do Império Português. Um deles adoeceu com o mal que chamaram *espinhela-caída*, cousa que êle apoda de *novidade* e por isso a regista no manuscrito que escreveu: os médicos indicaram-lhe uma mulher prática, que o curou.

Não indica o método, mas aponta o remédio aplicado na região xifoideia: papel quente e untado de manteiga. Não faltou a toalha a apertar o tronco.

Em Ranhados não empregam toalha, mas sim um joelho da curandeira, que quasi deita as costas dentro ao paciente!

Sôbre êste capítulo já bem e largamente escreveu Cláudio Basto (1). A *espinhela-caída*, no final de contas, é um estado dispeptico, de pretuberculose ou anemia (2).

*

Continuemos o confronto:

Em Ranhados:

Para a loucura — abra-se um pombo ou cachorrinho de cima a baixo e ponha-se na cabeça, bem escachado.

Mas é preciso escorchá-lo vivo, de forma a cair o sangue sôbre a cabeça do doente.

Pois lá diz Semedo que na subida dos humores à cabeça nada há como os pombos escalados, postos vivos, a sangrar, nas solas dos pés, para assim os fazerem baixar. Isto aplicado, por exemplo, nas dores de cabeça e nos delírios, e até nas bexigas.

(1) Cláudio Basto, *Medicina popular*. I. *Espinhela caída*. 1915. Viana do Castelo.

(2) Alberto Saavedra, *A linguagem médica popular*. 1919. Pôrto. É digna de consulta a tabuada bibliográfica apresentada pelo Autor.

O emprêgo de animais *escalados* na cabeça foi de uso vulgar na terapêutica do tempo. Assim, Brás Luiz de Abreu — o famigerado *Olho de Vidro*, romanceado por Camilo, autor de curiosa obra ⁽¹⁾ que merece estudo fundo como a de Semedo e do Dr. Mirandela — conta como o Dr. Gregório Lopes, Médico de Guimarães, curou certa mulher com medicações variadas, onde entravam *galinhas escaladas* ⁽²⁾.

*

Para a icterícia, usa-se em Ranhados a mêninha de pevide de abóbora. Semedo, para o mesmo mal, indica essas pevides, mais as de pepino e melancia (pág. 365).

*

Lá, também para as sezões, é remédio salúfero o trazer-se ao pescoço um fragmento de cana com um *bichinho da sapateira* dentro.

Pois Semedo recomenda, para as mesmas febres:

«He remedio de que se tem visto grandes effeytos, deytar ao pescoço do que tem maleitas huma noz, em que tenham metido huma aranha viva... A mesma virtude tem a lagartixa viva metido em hum canudo, & trazida ao pescoço...» (pág. 549).

*

Em Ranhados:

Contra as lombrigas das crianças, é óptimo um emplastro

(1) Brás Luiz de Abreu, *Portugal medico ou Monarchia Medico-Lusitana*, etc. MDCCXXVI. Lisboa.

(2) Vem referida esta cura em: Luiz de Pina, *Vimaranes*, etc. *Ob. cit.* (Pág. 183).

chamado *vimens*, pôsto sôbre o ventre, preparado com flores de *urtemige*, vinagre e hortelã pimenta.

Para as ditas lombrigas, Semedo indica o emplastro de pessegueiro, losna, hortelã pimenta e artemiza, para pôr-se no umbigo e *cruz das cadeiras*.

Outras receitas populares de Ranhados apontam o pessegueiro e artemiza como base de emplastos vermífugos; assim se lê, freqüentemente, no nosso médico.

*

Ali se receita estêrco de porco para afugentar as lombrigas. Semedo, para as ditas, indica o do rato. E também aplica o *estêrco* de homem, para as névoas dos olhos, como assinala em página 218.

Para as cólicas, chá de excremento de lobo, em Ranhados. Na *Polyanthea* diz-se: *tem igual virtude* (certa droga) *que o estêrco de lobo para esta doença*.

Ao de rato atribue Semedo a mesma acção. Pois já também Pedro Hispano, no seu *Tesouro dos Pobres*, indicara, alguns séculos antes, para a *colica passione*, o remédio de Galeno, que viveu há 1700 anos, *stercus lupi*, estêrco de lobo, como o povo ranhadense usa com segurança em nossos dias!

*

Passarão as cólicas, se o doente beber um pouco de urina, diz-se em Ranhados. E ensina a *Polyanthea* que ela é excelente, misturada com outras substâncias, em 2 ou 3 clisteres: a questão é que a urina seja de menino.

E na icterícia, Pedro Hispano aconselha, tirando de Galeno a notícia:

«Urina patientis cum succo Marrubii bibita eundem affectum sanat» (cap. XXXVIII).

*

O chá da fina membrana que envolve a moela das galinhas é famoso nas cólicas, assim o garante a medicina popular ranhadense.

E a *Polyanthea* reza, no capítulo 56:

«Algumas colicas curey dando meya oytava de pó das pelles, ou tunicas, que estão dentro das muelas das galinhas, desatados em quatro colheres de caldo, ou em duas onças de vinho...»

*

Para a dor de ouvidos é milagroso um dente de alho, muito quente, pôsto no canal auditivo externo. No mesmo princípio, Semedo prescreve, para as cólicas, uma cabeça de alho, bem aquecida, metida na fosseta umbilical; porque pelo umbigo (diz o médico, noutro ponto) mais do que por outra parte exterior do corpo

«penetra tão facilmente a virtude & substância das cousas».

*

Do uso dos miolos de galo já falei, como remédio de dores de cabeça. Semedo receita:

«Uma mecha molhada em fel de gallo, & metido na venta do nariz».

Na incontinência de urina, gerada por humidade da cabeça — isto é, por causa cefálica — o mesmo autor menciona:

«O pó do pescoço e crista de galo torrado».

Como vêem, terapêutica *analógica*.

*

Para os doidos, indica Semedo os miolos de burro. Pois para as cefaleias, em Ranhados, defumadouros do seu casco logram fama inatacável.

Ali se recomenda o chá de losna para as mesmas dores, tal como Semedo o faz, juntando-lhe raiz de pepino de S. Gregório.

*

Colhi na dita povoação que a raspa de feltro de chapéu é boa para sustar hemorragias de pequenas feridas. Ora Semedo applicava também o *pó de aba de chapeo queymada*, junta à farinha de favas e a clara de ovos, também para hemorragias (pág. 594).

*

A teia de aranha a usou o nosso médico em vários *recipes*, um deles para deter fluxos de sangue. Entre outras substâncias, usa-se em Ranhados o seu defumadouro para dores de dentes.

*

Ainda para hemorragias, estas do nariz, recolhi outra receita: excremento de boi com que obtura as fossas nasais. Semedo aplica o mesmo remédio para as cefaleias, pôsto nas fontes e na testa. Dada a íntima relação entre cérebro e fossas nasais, não deixa de ser importante esta semelhança terapêutica.

*

Para a névoa dos olhos empregam em Ranhados o mel, que se lhes instila em gôtas. O nosso Curvo aconselha o precioso licor das abelhas para o mesmo mal, junto a outras substâncias.

*

Para desenfasiar, mais esta prova da terapêutica curviana. Julgo que todos sabem da existência de certo *óleo humano* recolhido de cadáveres, à venda no Pôrto, óleo famoso e muito rebuscado para aqubar o casco onde não há cabelo ou parcamente existe. Ora diz o nosso Curvo:

«A enxundia, ou sevo dos rins de hum homem esquatejado, untando com elle os lugares faltos de cabello, o faz nascer indubitavelmente...» (pág. 535).

*

* *

Para argumento da identidade terapêutica popular, agora apresentada, com a da *Polyanthea*, julgo desnecessários mais exemplos.

Êles aí estão para atestar aquilo que dissemos sôbre a origem da matéria médica do povo e para garantir o valor etnográfico da *Polyanthea* de Curvo Semedo.

Outros autores médicos poderia chamar para meu amparo neste tribunal crítico, se o tempo fôsse mais e se, de moto-próprio, não tivesse querido limitar a essa obra esta minha análise folclórica. Contudo, não passo sem mostrar a semelhança de algumas dessas receitas com outras de países estranhos. Dentre muitos trabalhos, destaco, ao acaso ⁽¹⁾, um muito recente de G. Railliet, sôbre medicina popular francesa.

Hemorragias — teia de aranha (pág. 170), excremento de pôrco nos orifícios externos das fossas nasais (pág. 170).

(1) G. Railliet, *Médecine populaire (Glans d'un Praticien Rénois)*. Id., id. 3456. 1936.

Meningite — pombo aberto ao meio, a sangrar, sôbre a cabeça.

E, agora, que já é tempo, ler-vos-ei o variado e desvairado receituário que grangeei por terras de Ranhados, em 1929. Abro por aquilo que se nos apresenta debaixo da forma de ensalmo, oração, etc.

Nesta parte — sabe-o tôda a gente — pulsa muito religiosismo; assentou-se que na terapêutica popular há muito também de *analogismo*, dêsse analogismo que criou a *assinatura* ou *signature* dos franceses e que se define:

«Particularité de forme ou de coloration qui, d'après les anciens médecins, indique les propriétés curatives des médicaments, par un rapport plus ou moins éloigné avec les causes ou la nature de la maladie» ⁽¹⁾.

Reparai na erva *dente de cão* para as dores de dentes (Pedro Hispano, *cit.*), na localização e forma da dermatose em roda da cintura e da *cobra* (vd. adiante), de certas doenças e nomes de alguns santos curadores (olhos — Santa Clara, etc., etc.).

Diz, a êste respeito, o douto Professor e Director do Instituto de História da Medicina de Leipzig, Paul Diepgen:

«Dieu, non seulement a donné à chaque pays des maladies particulières, mais encore qu'il a fait pousser dans chacun de ces pays les herbes médicales propres à combattre ces maladies et que, dans l'aspect extérieur de ces herbes, Dieu, comme par une signature, a donné l'indication de leur action spécifique: c'est sa

(1) Paul Guérin, *Encyclopédie Universelle. Dictionnaire des Dictionnaires*. VI. Paris. 2.^a ed.

fameuse théorie de la signature (Paracelso). Il n'y a donc pas de doute, que la recherche du sens divin de la nature l'a également induit en erreur» (1).

Essa doutrina da *assinatura* grangeou larga voga por esse mundo.

A *cobra* ou lagarto pode nascer em qualquer parte do corpo, mas tem predilecção pela cintura da gente.

A causa do mal é passar a cobra sôbre a roupa quando está estendida a secar; por isso, deve passar-se a ferro ou torcê-la ao contrário, para exterminar a peçonha.

Uma cobra produz especial dermatose à roda da cinta, e nisso consiste o mal. Segundo Saavedra (2), cobra, cobraão, cobreiro, ou zona é tudo o mesmo. Bicho, no conceito dêste ilustre colega, que o baseia em esclarecimento de Ricardo Jorge, é também herpes ou dermatose de outra espécie, produzida por *bichos peçonhentos* que passam no corpo da gente. *Cobra* e *bicho*, pois, assemelham-se.

Para a *cobra* (ferida com feitio de cobra), ao mesmo tempo que se traçam cruces sôbre a parte doente com palhas ou faca, diz-se:

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
corto cobra, cobraão, lagarta e lagartão,
sapo, sapão, aranha, aranhão,
todo o bicho de má nação
eu te corto cabeça, rabo e coração!

*

Livrem-se todos de maus ares e maus olhados.

(1) Paul Diepgen, *Les influences religieuses sur le développement de la Médecine*. Bulletin de la Société Française d'Histoire de la Médecine. T. xxxii, 5-6. 1936. Paris.

(2) Alberto Saavedra, *Ob. cit.*

*

Se à porta dum doente passa um entêrro, aquêle não deve levantar-se na cama, senão ficará tolhido.

*

Livram dos ares 3 areias de sal e 3 dentadas de pão trazidas no bôlso.

*

Mau olhado:

Dois to dão
Três to tirarão
É S. Pedro, S. Paulo e Evangelista S. João.
Se te deu por diante
Tire-to S. Vicente,
Se te deu por trás
Tire-to S. Braz.
À sua honra e louvor
P. N.

Isto se diz 9 vezes a seguir.

*

Para cortar o ar:

Quando Jesus Cristo nasceu
todo o mundo esclareceu
quando Jesus Cristo nasceu
todo o mundo alumiou.
Ar de água,
ar de igreja,
ar de cinza,
ar de gente malvada,
ar de todos os ares,
eu não atalho,
nem sei atalhar,
atalha-a a Virgem Maria
com um P. N. e uma A. M.

*

Eis dois ensalmos para a erizípela:

Benze-se com água salgada, passando a palma da mão na parte doente, em cruz, 9 vezes:

Erizípela andava no monte,
Jesus Cristo encontrou,
Jesus Cristo lhe perguntou,
que fazes aqui erizípela?
chupo o sangue e faço crescer a carne.
Se tu chupas o sangue e fazes crescer a carne,
eu te ponho fogo com que te abrazes.
Não me ponhas fogo com que me abrazes,
põe-me cinco dedos e a palma da mão
e ver-me-ás derretida
como o sal na água.

*

Molhe-se uma guedelha de lã de ovelha ou carneiro no azeite e com ela se benza a parte, dizendo 9 vezes:

Pedro Paulo foi a Roma,
Jesus encontrou:
— Pedro Paulo,
que vai lá por tua terra?
— Muita fome e *erizípela*.
Muita gente morre dela.
— Volta atrás,
tu a curarás
com azeite de oliva
e com o guedelho da ovelha viva.

Êste ensalmo é vulgaríssimo.

*

Para a cura da espinhela caída, em Penedono, perto de Ranhados:
meta-se o doente numa cova, que se cobre com uma grade

ou cancela. Sobre esta passarão em seguida os bois:—retira-se então o doente, que ficará bom.

*

Contra o *Zázaro* (espécie de eczema, na face):

Unte-se uma pêna no azeite e diga-se, benzendo com ela, em cruz, a parte ofendida:

— Tejo, Douro e Minho passei
todos os bichos de má nação que encontrei, matei.
Disse o filho para o pai:
— Que fogo é aquele que além vai?
— É zagre, zagrirei.
Diz o filho: que lhe farei?
— Unta-o com azeite de oliva
e com a pena de galinha viva.

*

Unheiro e cabritas nos olhos.

Tomem-se 9 grãos de trigo e de cada vez com seu grão benza-se a parte tocada, lançando-o depois para o telhado:

— Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
corto e atalho
névoa, unheiro e belidas,
cabra, cabrita e coisa maldita.
Santo Luzia, S. Pedro, S. Paulo e S. Silvestre.
Quanto eu te faço, pelo poder de Deus te preste
e Nosso Senhor J. C. seja o teu divino mestre.

*

Como preservativo de epidemias: — em tempo destas, vai-se ao *Senhor da Estrada* (Cristo numa capela próxima) e tira-se-lhe a medida com uma linha. Deita-se esta, depois, ao pescoço.

*

Veias arraladas: inchação produzida por mau geito, isto é, por entorse ou luxação.

Corta-se o mal, mas só pode fazê-lo uma mulher que tenha dado à luz duas crianças dum ventre. A praticante, fingindo que cose num novelo de linha, faz cruces com o pé sôbre o local da inchação, e diz:

Tu veia pra que arralaste?

Responde a padecente:

E tu semeadeira pra que semeaste?

Torna a *médica*:

Assim cura a raladela,
como curou a semeadela.

Isto dura nove dias e cada dia se pratica 9 vezes.

*

Bom emplastro ou unguento para inflamações e feridas:

dobrem-se os bordos duma carta de jogar, de forma a nela se poder deitar azeite. Sôbre êste, deixemos cair alguns pingos duma vela de cera, com cuja chama, posta debaixo da carta, se faz ferver a mistura. Depois de frio, é unguento de muita consideração.

*

Sarampo: o doentinho beberá vinho com mel, porque é preciso embebedar o mal. Depois da emborcação, envolve-se a criança num pano vermelho.

*

Dadas nos seios ou *gretas*: papas de excremento de boi, com vinagre, aplicadas como papas de linhaça.

*

Contra a raiva: a pessoa mordida vai a Santa Quitéria (irmã

de Santa Eufémia), perto de Penedono, e aí comerá um pão que molhara no azeite da lâmpada da Santa.

Dêsse pão dará também aos cães que a acompanhem ou aos que aparecerem.

*

Os Pães benzidos que se distribuem em Domingo de Páscoa (Capela do Espírito Santo, no lugar do Poço do Canto), são óptimos contra as mordeduras dos cães danados. Se os cães os comerem, não se danarão!

*

Para o resfriado: lance-se num alguidar água a ferver, onde se deitaram 9 bocados de pão, 9 areias de sal e 9 pingos de azeite.

Inverte-se sôbre a água um púcaro de barro: o diagnóstico é positivo se a água entra para o púcaro.

Sôbre o fundo dêste, coloque-se a parte resfriada, a apanhar bem a bafareira. Em seguida cozem-se *musgos*, arranjando-os em emplastro que se põe no ponto doente (reumatismo, abcesso frio, etc.).

*

Não terá sezões quem se espolinhar no chão, ao ouvir, pela primeira vez, cantar o cuco.

*

Nas fraquezas ou convalescença das doenças em que se não pode comer: corte-se da bôla de trigo a parte que assenta no chão do forno, isto é, tire-se o *lar* à dita bôla. Dentro desta metam-se pequeninas fibras de galinha ou vaca. Deite-se a bôla na certã, a nadar em vinho fino ou de consumo. Leve-se ao fogo, até se evaporar o vinho; enquanto está quente, ponha-se o trigo na *boquinha do coração*, que o mesmo é dizer na *boquinha do estô-mago* ou região xifóideia.

*

Para a icterícia (nem sei como o diga e se o diga)... são óptimos alguns piolhos comidos com o caldo!

*

Lombos arruinados (dôres nas cruzes, lumbago).

Deita-se a criatura de bruços, maçando com as mãos as *reins*, desencontradamente, ao longo da região. A isto se chama *correr os lombos*.

Após a maçagem, coloque-se na região papel de embrulho e, sôbre êste, papa de mel, farinha e azeite. Aquêcido, faz ali o mesmo que uma cataplasma.

*

Para os *cravos*: coza-se uma bôla, dentro da qual se deitaram tantas pedras de sal quantos os cravos que o praticante tem.

Feito isto, leve-se a bôla a uma fonte e deixe-se lá ficar na *guarda*. Mas, no regresso, não deve olhar-se para trás.

*

Para tirar o argueiro dos olhos:

Corre, corre, cavaleiro,
tira-me daqui êste argueiro;
que lá virá Santa Luzia
que mo tirará primeiro!

Ao dizer-se isto, virem-se os olhos para o vento: se não sair o argueiro, deite-se no ôlho dois grãos de *alecrista*: o argueiro agarra-se a êles e com êles sairá.

*

Para as cólicas:

Lave-se bem por dentro o tamanco dum homem que trans-

pire muito dos pés, bebendo o doente a água proveniente dessa operação.

E deve ser de homem que sue muito das duas extremidades, senão a água sabe unicamente à madeira e ao cabedal, não produzindo efeito!

Idênticamente:

na ocasião do acidente epilético, chegue-se ao nariz do doente um tamanco de pessoa que sue copiosamente dos pés!

*

Bochechos de urina, para as dores de dentes.

*

Pachos (parches) de urina sôbre as escrófulas e certos tumores são remédio experimentado.

*

E pôsto que falamos em dentes, se um cai, diga-se:

Meu dentinho, meu dentão,
deito êste fora
a ver se me nasce outro,
mais são! (1)

Para fazer pujar o leite nos seios das mulheres, se o não têm: faça-se uma bôla grande de trigo e encha-se de vinho uma cabaça; com essa bagagem alimentar, vai a pretendente à capela dos Aguilares (Cedovim, S. Mamede). Pelo caminho, dê da bôla e do vinho ao viajante que encontre. Se lhe restar pão, ao chegar à capela, poise-o no altar; se na cabaça ainda gorgolejar vinho, despeje-o na cabeça do Santo, orago da ermida.

(1) Variante a juntar às já colhidas por J. Rodrigues dos Santos Júnior, *Nôlula sôbre o arremêso dos dentes*. Trabalho da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia». Fasc. IV, vol. V. 1932.

*

Quando a criança vomita freqüentemente o leite e anda triste e aborrecida, é porque está *embaçada*. Para desembaçá-la, faça-se o seguinte: deita-se ao comprido e veja-se se os pés ficam ao mesmo nível; se não ficam, a criança está embaçada. Pega-se então nela, vira-se de cabeça para baixo, segurando-a pelos artelhos e bate-se-lhe nas solas dos pés. Isto tantas vezes, quantas as necessárias para que os pés fiquem à mesma altura. Em seguida unta-se-lhe a barriguinha com azeite.

*

Outros recipes, outras práticas, outras opiniões de Ranhados:

— Para as *anemias*, o Bento do Rio Bom prescreve açúcar escuro e sete gemas de ovos.

— Para as *sezões*: infusão de eucalipto em água ardente, tomada *per os* — espolhar-se a pessoa no chão ao ouvir cantar o cuco a primeira vez (profilático) — chá de terra da sepultura de Santa Condessinha (Condessa de Tavares), na Vila de Trancoso — um ovo estrelado em azeite, contra as *sezões* — em dia de Nossa Senhora da Assunção, leva-se para a igreja uma panela com leite, que lá se deixa a coalhar: quem o comer, não terá mais *sezões* (a prática há-de repetir-se no ano imediato).

— *Brotoeja*, banhos com cozimento de erva moleirinha.

— *Furúnculos*, (dizem que o tempo os cura): fôlha de ortiga, untada com unguento de cera ou pele de unto (para *puxar*).

— *Carbúnculo*, o curandeiro do Vidagal corta o *ólho de carbúnculo* (desbravamento até à carne) e depois manda pôr-lhe em cima fôlhas de erva-moira e trapos sujos. Dieta: caldo de arroz, sômente (a ferida do carbúnculo, dizem, não precisa de limpeza!)

— *Erizipela*: evita-se, tendo de portas-a-dentro cebola albarrã.

— *Dadas* ou *grêtas de seio*, cebola branca, frita em azeite (emplastro).

— *Infecções* (sic): emplastro de fôlhas ou gomos de mentrastos brancos e murtinhos, fritas em azeite (depois da primeira fervura, junta-se-lhe mais azeite).

Ínguas, se são nos *sovacos*: *marca-se* a mão na cinza e nos sulcos impressos faz-se seis vezes uma cruz com a mão, rezando-se:

Corto ínguas,
não corto cinza.

Se as adenites são nas virilhas, cavado poplíteo, etc., a prática é a mesma: porém, a *marca* é feita com o pé.

— *Escrófulas*, untá-las com cozimento de raiz de *abrótia*. Pachos de urina.

Crianças

— *Lombrigas*, cataplasmas de *urtemije*, aquecida em vinagre, sôbre o ventre — esfregar as *fontes* com sangue de galinha preta — trazer ao pescoço um rosário de raiz de lírio.

— O primeiro piolhinho, caçado na cabeça, mate-se no fundo do prato mais fino que houver no louceiro: o menino onde foi catado o bicho sairá bom cantador.

— No tópo do cordão umbilical, após o corte, deite-se cinza.

— Criança que cruze voluntariamente as pernas, morrerá cedo.

— Não morrerá a criança que, ao espreguiçar-se, afaste bem os dedos das mãos.

— Dar chá vulgar a uma criança, por colher de prata, fá-la esperta.

— Para que uma criança se não atarde na fala, deve a madrinha cortar-lhe as unhas, pela primeira vez.

— Atarda a fala a criança que se faça ver a um espelho.

— Quando a criança dorme de dia e está acordada de noite, sinal é de que tem os soninhos trocados. Remédio: a mãe que vá

a uma fonte, levando o cântaro sôbre uma rodilha ou *matula* feita da fraldinha do filho; no regresso, venha por caminho diferente do que seguiu à ida.

— Se uma criança chora sem saber-se porquê, *sofre da lua*.

— As grávidas não devem esconder dinheiro no seio, senão o filho nasce com manchas no corpo.

— Não sei para quê, mas é bom que a parteira transfira da sua para a bôca do recém-nascido um gole de bom vinho.

— Para evitar doenças de pele, seja de linho a roupa que pela primeira vez vestir uma criança.

— E ao vesti-la a primeira vez, quando sôbre o regaço se coloca, de barriguinha para o ar, deve dizer-se:

P'ró céu te vire.

Depois, faça-se-lhe uma cruz nas costas.

— Se uma criança se engasgar, sobre-se-lhe na moleirinha.

— Nunca se embale o berço vazio, pois a criança torna-se má.

— Para que uma criança saia a falar bem, dê-se-lhe o primeiro ôvo duma galinha.

— Não se cortem cedo as unhas e os cabelos dum recém-nascido, senão retarda-se-lhe a fala.

— Se a criança dorme com os olhos mal cerrados, isso quere dizer que está chamando por outro, isto é, que breve lhe nascerá um irmãozinho.

— Após o baptismo, não se dê de mamar à criança durante umas horas, pois se um dia cai na água não se afogará logo, mas após tantas horas quantas as que ficou sem mamar.

— Tantos maus espíritos entrarão na criança, quantas as palavras litúrgicas que os padrinhos se esqueceram de dizer no baptismo da mesma.

— A *trave* deve tirá-la à criança uma pessoa que tenha os dedos muito ásperos: para isso, passa-lhe, com fôrça, um dedo no freio da língua.

Dores

De olhos: emplastro de *aljugrado*, com vinagre aquecido, pôsto na frente.

Em quinta-feira da Assunção de Nossa Senhora o povo espalha flores sôbre o padre, na festa e sôbre os circunstantes. O chá das pétalas caídas, já sêcas, é aprovadíssimo remédio.

De ouvidos: aguardente no canal auditivo.

De dentes: junte-se pólvora ao fermento de pão e aplique-se, com uma rodela de pano, sôbre a região da face correspondente ao dente do enfermo; isso fica ali colado como lapa a rochedo! (a pólvora é também indicada por Semedo para outros males. Vid., v. g., em página 549, *Polyanthea*).

— Defumadoiro de teias de aranha e excremento de burro.

— Bochecho de urina.

De cabeça: defumadoiro de alecrim, oliveira benzida em Domingo de Ramos, azeite e sal.

Cólicas intestinais: banho de barbasco com leite.

— Folhas de couve galega, untadas com enxúndia de galinha.

— Banho de assento de leite, farelos e trigo.

— Chá de linhaça.

— Chá de fôlhas de limonete.

— Chá de barba de milho, casca de pepino, gaimão e unto.

Queimaduras: cosimento de favas:

— *Ou bichos* que nascem: unguento de umbigo de pôrco, *chapeus das paredes*, cânfora, gordura de galinha e cera virgem.

— Óleo de lacraus.

*

Coriza (constipação) — Chá de flor de sabugueiro:

— Chá de borragem;

— Chá de alecrim;

— Chá de eucalipto (com ou sem leite e açúcar).

— Vinho quente com baga de sabugueiro, banha e mel ou açúcar.

Faringites: uma saquinha com sal dentro, quente, bem apertada contra a garganta.

— Gargarejo com chá de diabelha e leite.

Tosse: chá de cebola.

Males das mãos

Calo da moléstia: losna cozida, em papada. Nunca se frite, senão seca a planta donde se colheu.

Panarício: papa de pevides de marmelo.

Unheiros: casca de cebola, frita em azeite.

Cravos: piquem-se até ao sangue; ponha-se-lhes, depois, *leite* de figos negros.

— Estando a arder o forno e antes de se lhe deitar o pão, metam-se dentro tantas pedras de sal quantos os cravos. A pessoa retira-se sem olhar para trás.

— Metam-se numa bôla de pão tantos grãos de sal quantos os que se tem na mão. Feito isto, deixe-se a bôla numa fonte. Como na prática anterior, o praticante não olha para trás.

Frieiras: água muito quente (banho).

Suor demasiado: esfregar as mãos com terra da Santa Condessinha, a que já me referi.

Males dos pés

Gretas: colocar nelas guedelhas de lã suja, proveniente da tosquia dos carneiros.

— Pingos de resina.

Hemorragias

— Película que forra a casca do ovo.

— (Nasais): cruz de palha posta nas costas, sem o paciente ver.

Doenças dos olhos

Terçol ou *treçogo*: tocá-lo com um objecto de oiro.

Doenças nervosas

Epilepsia: para prevenir futuros acidentes epiléticos, queime-se a roupa que o doente vestia na ocasião do primeiro ataque.

Intestinos

Diarreia: chá de *olhos de silva* (gomos).

Prisão de ventre: caldo de mercuriais.

Vária

Para livrar as crianças do *mau olhado* e *ar ruim*, ponha-se-lhes ao pescoço, em saquinha, 3 pedras de sal, 1 dente de alho, aipo e arruda.

Veia saliente na raiz do nariz é sinal de que a criança não terá vida longa (tem a *veia muito acesa*).

Quando se *talha o ar*, por defumadoiro, ninguém deve apagar o resto do fumo que ande no recinto: por êle se propaga o *ar ruim*.

Há *ares excomungados* que só passam ao fim de 24 horas.

A um ar é também devido o *burro* ou *beijo de preta* no lábio.

Pondo a mão sôbre o coração dum dormente que sonha alto, êle dirá ali tudo o que souber.

Para os calvos: ponha-se o cabelo cortado (se ainda o há), em manhã de S. João, sôbre o *barbilho* duma espiga de milho:

conforme cresce esta barba, assim crescerá o cabelo na cabeça do iludido.

Para que o cabelo não caia, nunca se esponte quando a lua ande em *quarto minguante*.

Para as sardas, água de arroz.

Santos curadores

Santo Amaro: dores de pernas, braços, etc.

Santa Eufémia (Penedono): feridas ruins.

Senhor da Estrada: epidemias (e doenças de suínos).

Sanjurge: dores de ouvidos.

*

São horas de rematar. Na Farmacologia popular há muito que aprender. Se, em grande parte, os abusões e a credence a mancham largamente, certo é que o povo nos dá preciosos ensinamentos: um bom número de remédios modernos da prática oficial adveio da terapêutica popular.

Ao têrmo desta nota, tenho o maior prazer em repetir algumas palavras dum distinto colega, o Dr. Francisco Gonçalves, autor consciencioso duma dissertação inaugural já referida, apresentada, em 1917, à Faculdade de Medicina do Pôrto, que a premiou com altíssima classificação.

É mereçe hoje destaque por ser uma das primeiras obras de *Folclore médico analítico*, cheio de esclarecimentos e inteligentes interpretações. Oxalá nova era se abra nestes estudos, aproveitando o já sobejo material recolhido por tantos investigadores portugueses e seguindo na esteira dêsse trabalho de Francisco Gonçalves. Julgo ter cumprido hoje um pouco da larga tarefa que sincera e entusiásticamente propagandeio, por oportuna e necessária.

Bom ou mau, aí fica o exemplo.

E agora, as palavras de Francisco Gonçalves:

«A medicina popular é cheia de perigos e de ensinamentos. O médico tem o dever de combater os primeiros e aproveitar os segundos».

E comento eu: mais uma razão para estudos como êste que acabo de apresentar. Os médicos folcloristas tem obrigação de para êsse canal enriquecer as águas etnográficas que dominam, para elucidação daqueles que não podem, ou não sabem, fazê-lo.

Uns, como Gonçalves, estudarão do folclore médico aquilo que de proveitoso ou aceitável revela, produzindo, assim, trabalho científico e útil: à falta de outras e em determinadas circunstâncias, as mênzinas populares poderão indicar-se, já com o sêlo do reconhecimento oficial.

Outros, como eu, deixando o Folclore descritivo, passarão ao analítico, à procura dos seus fundamentos, isto é, catando a etiologia do Folclore, para dar a César o que é de César e... ao Povo o que, genuinamente, é do Povo!

Certo que a emprêsa é canceirosa e difícil; isso que aí deixo é um ensaio, nada mais:—mas fornece, como vedes, muitas lições para o estudo da História da Medicina, para o da evolução cultural popular e para o combate a malélicas tradições do Povo (a êste não cabe, muita vez, uma só pinga de sangue na investigação da paternidade!)

E de novo afirmamos, com aquêle colega e tantos outros autores:

«O Povo não é inventor; é conservador. Tôdas as suas mênzinas foram herdadas».

Descontando um tudo-nada a esta asserção, podemos garanti-la com aquilo que tivesteis a generosidade de ouvir.